

Âncora monetária já pode substituir a cambial

O brasilianista Albert Fishlow diz que o presidente está transformando o Brasil num país capitalista, mas não neoliberal

ENTREVISTA

Albert Fishlow

O economista americano Albert Fishlow, 61 anos, acha que o Governo já pode se dar ao luxo de substituir a âncora cambial pela monetária. Professor da Universidade de Berkeley, teve como pupilos

o Ministro Malan e outros membros da equipe econômica como o diretor do Banco Central Paulo Zaghen e o presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica Gesner de Oliveira. Arrisca a prever que a economia brasileira crescerá continuamente, alcançando taxas de 6% ao

ano antes da virada do século. Diz que o presidente Fernando Henrique está transformando o Brasil num país capitalista, mas não neoliberal. Fishlow falou por telefone, na última quinta-feira, de uma cidadezinha próxima a Viña del Mar, interior do Chile. Ele chegou ao Brasil ontem.

Marizilda Cruppe/28-6-96

Mariza Louven

O GLOBO: O senhor está trazendo algum estudo sobre o Brasil?

ALBERT FISHLOW: Levo um trabalho, publicado há um mês nos Estados Unidos, sobre a situação do Plano Real, do déficit externo e da taxa de câmbio. A conclusão básica a que cheguei é que o Brasil está entrando agora no quarto ano de estabilização e crescimento contínuo. Pela primeira vez, tem a possibilidade de ter o controle macroeconômico e um crescimento contínuo. Não são grandes resultados, como durante o período de 1968 a 73, mas sim um crescimento estável, que continua ano após ano e representa uma mudança fundamental na história brasileira: a população está crescendo menos, há um compromisso para melhorar o sistema educativo e uma concorrência maior. É outro Brasil.

• *Outro Brasil com boas perspectivas para o futuro?*

FISHLOW: Claro. Eu ficaria muito surpreso se a economia não conseguisse uma taxa em torno de 6% antes do começo do novo século. E seria um crescimento sustentado.

• *Mas há problemas como o déficit em transações correntes, que pode chegar a 5% do Produto Interno Bruto este ano. Isso torna o país vulnerável?*

FISHLOW: Existe uma preocupação. Mas o Chile também vai ter um déficit este ano superior a 4% do PIB. Um dos fatores que explica esse resultado é a entrada de capital externo. Há investimento direto no Chile, como no Brasil, muito maior do que no ano passado. Nos dois países, o interesse externo explica em parte o déficit. E está relacionado à expectativa de estabilidade macroeconômica e de crescimento rápido.

• *O déficit elevado nas contas externas não é uma ameaça?*

FISHLOW: Evidentemente, existe uma ameaça.

• *Não é uma situação assustadora?*

FISHLOW: Acho que não. É uma situação em que o país tem que ajustar-se. E isso está acontecendo: no primeiro semestre do ano,



ALBERT FISHLOW: economista que foi professor de Malan aposta numa taxa de crescimento da economia brasileira de 6% ao ano antes da virada do século

as exportações cresceram em torno de 8%. Quando um país tem crescimento das exportações, é uma indicação de que não há desequilíbrio tão grande no câmbio e que há possibilidade de concorrer no mercado mundial.

• *Está correto manter o câmbio como âncora da estabilização?*

FISHLOW: Nos últimos dois anos, o Governo vem fazendo desvalorizações reais, ainda que pequenas. É importante entender que a valorização do câmbio ocorreu logo depois do Plano Real. Isso acontece em qualquer país que aplica uma política de estabilização. Aconteceu no caso argentino, no chileno, no mexicano. O que é fundamental para o futuro é que o Governo agora está com uma política de desvalorização real e tratando de mudar a âncora do sistema, que antes era a taxa de câmbio, para a política

monetária e fiscal. Se o Governo conseguir reduzir o déficit público, a taxa de juros vai cair. Isso é uma coisa que se pode ver acontecendo no Chile e na Argentina.

• *Mudar a âncora significa manter juros elevadíssimos?*

FISHLOW: Significa que o câmbio não precisará ficar defasado para garantir a estabilização. E se a taxa de juros está alta é porque houve planos passados que não tiveram êxito. Como consequência, há medo, e é necessário ter uma taxa alta como seguro.

• *A política monetária já substitui o câmbio como âncora?*

FISHLOW: Exato. O Brasil está passando de uma âncora de câmbio para uma âncora monetária. Depois tem que passar para uma âncora fiscal: isso acontecerá quando o Governo não mais tiver um déficit contínuo.

• *A eleição, no ano que vem, dificultará essa transição entre as âncoras? A fiscal demandaria medidas mais drásticas de ajuste do setor público.*

FISHLOW: A eleição complica um pouco a situação. Mas creio que o Governo já está consciente de que não pode gastar demais, satisfazer todo mundo antes da eleição. Mesmo nos Estados Unidos, havia um certo ciclo ligado ao processo eleitoral. Acho que isso está começando a mudar tanto lá quanto no Brasil.

• *O senhor tem uma visão otimista. É porque conhece bem a economia brasileira ou porque foi professor do ministro Malan?*

FISHLOW: De certa maneira, é possível ser mais crítico com os amigos. Acho, no entanto, importante reconhecer que a economia brasileira hoje em dia é bem distinta da que o país tinha há 10

anos, quando havia todos os problemas da dívida externa, de inflação de quatro dígitos, de falta de exportações regulares, de importações e de concorrência.

• *Qual é o maior desafio para o Brasil agora?*

FISHLOW: Conseguir manter um ritmo de exportações em torno de 8% a 9% ao ano. Isso garantiria a sua capacidade de pagamento das contas externas. Segundo, é o aumento da taxa de poupança: para voltar a ter uma taxa de crescimento alto e sustentada, será necessário ter uma taxa de poupança doméstica da ordem de 25% do PIB. Em terceiro, ter uma política macroeconômica continuada, de forma a manter a inflação baixa e, em quarto, melhorar a distribuição da renda ao longo da próxima década.

• *O que fazer para melhorar o*

quadro da distribuição de renda no país?

FISHLOW: A melhor maneira é priorizar a educação básica. O Brasil tem grandes despesas públicas com a universidade e, todavia, uma necessidade grande de aumentar o investimento na educação primária e secundária.

• *Há um estudo da Cepal que faz uma série de críticas ao modelo brasileiro. Diz que aqui se pratica um capitalismo degradante. O que o senhor acha disso?*

FISHLOW: Acho que é um exagero. O presidente Fernando Henrique está privatizando a economia brasileira, baseado na mesma capacidade que tinha no passado. Ele entende a importância do mercado, que hoje em dia está funcionando em todo o mundo: na Rússia, na China, em novas partes da Ásia, e até na Índia, que pela primeira vez está deixando entrar capital externo. Há um reconhecimento, por parte de Fernando Henrique, da importância de mudar o modelo brasileiro de grande intervenção estatal, para ter o capitalismo. Mas é um capitalismo que não implica num modelo neoliberal.

• *O Brasil não tem um modelo de capitalismo neoliberal?*

FISHLOW: O que estou dizendo é que o Brasil está tendo um modelo em que se tem a possibilidade de concorrência e de o setor privado funcionar. O Governo está tentando estabelecer não um modelo neoliberal. Há uma idéia da importância da distribuição de renda. Ou seja, tem de um lado a aceitação do mercado e, de outro, o reconhecimento das necessidades sociais.

• *Onde está esse reconhecimento das necessidades sociais?*

FISHLOW: É preciso entender que foi necessário estabelecer um sistema que pode continuar funcionando, antes de entrar numa grande expansão das despesas com educação e na melhoria da distribuição da renda. Um sistema capitalista. Acho que o Governo Fernando Henrique Cardoso está fazendo as coisas na ordem certa: está tratando de reparar a situação básica da economia, para depois poder entrar na área social. ■